



Identidade e valores do Humanismo Perene: critérios para a exatidão do operador social

Rosane Maria Neves¹

Resumo: O presente estudo se caracteriza como uma pequena tese escrita como exercício de conclusão ao Primeiro Módulo do Bacharelado em Ontopsicologia. O texto dedicou-se ao aprofundamento de conceitos a partir de revisão bibliográfica, no intuito de explorar os valores do Humanismo perene e Identidade como critério de exatidão do pesquisador e operador social. A motivação do estudo se deu a partir da compreensão da Ontopsicologia como técnica de exatidão e recurso para se chegar à realização e criatividade aplicada no contexto profissional docente. O critério é dado pela identidade, a partir das características de utilitarismo e funcionalidade. O operador social em exatidão pessoal conforme seu projeto de natureza – Em Si ôntico – pode realizar-se a si próprio e levar maior bem-estar ao contexto social em que atua.

Palavras-chave: Humanismo perene; Ontopsicologia; operador social; identidade.

Identity and values of Humanism Perennial: criteria for the accuracy of the social operator

Abstract: This study is characterized as a " Tesina " written as an exercise completion with the first stage of the Bachelor of Ontopsychology . The text devoted to the deepening of concepts from literature review in order to explore the perennial values of humanism and " Identity" as the researcher accuracy criterion and social operator. The motivation of the study took place from the understanding of Ontopsychology as accuracy of technique and resource for reaching the completion and creativity applied in the teaching professional context. The criterion is given by the identity, from the characteristics of utilitarianism and functionality. The social operator personnel accuracy as its nature project - Ontic In Sé - can hold up to himself and bring greater prosperity to the social in which it operates.

Keywords: Humanism perennial; Ontopsychology; social operator; identity.

¹ rosanemaria7@gmail.com

1 Introdução

O estudo de Ontopsicologia como método e técnica para a autorrealização implica aprofundamento e exploração conceitual, aprendizagem sobre si mesmo e descobertas nem sempre confortáveis. Quanto mais adiante seguimos o estudo e exercitamos sua aplicação na própria existência, mesmo que iniciática, mais se revela o desconhecimento sobre nós mesmos. Seguimos durante muito tempo agindo e interagindo como estranhos completos, o que resulta numa prontidão de agressividade – por frustração ou por autonomia dos mecanismos de defesa, apreendidos em tempos remotos ao aqui e agora.

Meneghetti (1996), em *A graça: a lógica do dom*, recomenda: “Ama e aprende o que tu és, porque és o centro de todo o poder” (MENEGHETTI, 1996, p. 132), é o que nos faz compreender a Ontopsicologia como resultado do trabalho incansável realizado pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti (1936-2013) ao longo de sua vida acadêmica-científica.

O estado de maturidade humana é evidenciado pela condução da existência em harmonia com os valores pessoais e uma disponibilidade juvenil de aprendizagem, adaptação e evolução continuados, até o exaurimento do projeto original de natureza. Percebe-se que este estado de plenitude e realização, embora possível a cada ser humano, é realmente concretizado por poucos, devido principalmente por acertos e erros conscientes ou não, na existência e a tantos outros aspectos estudados pela psicologia clássica.

Sabe-se que o tornar-se pessoa neste mundo é uma tarefa de responsabilidade individual que, no entanto, recebe influências do ambiente, nem sempre conforme a necessidade ou capacidade de suporte do indivíduo em construção existencial. Isto foi esclarecido pela identificação e exploração da atividade psíquica como fonte primária de energia humana, que mormente se consome em investimentos sem retorno ou resultados positivos, por falta de conhecimento do próprio sujeito.

Para a vida em si não constituiria problema os erros individuais humanos isoladamente. A gravidade é percebida quando compreendemos que cada ser humano é parte de um todo ou coletividade, que gera e sofre em ampliação os efeitos de ações distônicas ao egoísmo vital, natural.

O dom da vida é gratuito e, construir uma existência em consonância ao próprio projeto é escolha responsável individual, em que se harmoniza necessidade, potência e

vontade. Essa reflexão inicial serviu de base para a investigação do problema que se apresenta nas perguntas que seguem:

- Existem valores a serem resgatados pelo ser humano que poderiam levar a uma vida mais harmoniosa e de bem-estar social?
- Como contribuir com a recuperação dos valores do Humanismo perene na atuação do operador social?
- Qual o critério de facilitação da construção e realização pessoal que pode contribuir com a exatidão do operador – líder na sociedade?

O viver individual em coerência com o próprio egoísmo vital, de acordo com o projeto de natureza, é o meio possível de se chegar ao bem-estar social. A liberdade nunca é absoluta e é um bem ou valor a ser construído pelo sujeito em base à sua identidade de natureza.

Diante do exposto busca-se ampliar o domínio de saberes por meio do objetivo geral definido: **contribuir na compreensão do Humanismo perene e da identidade como valores e critério para a exatidão do operador social**. Disso decorre os seguintes objetivos específicos:

- a) Definir o Humanismo sob a ótica da Ontopsicologia;
- b) Identificar os valores do Humanismo perene;
- c) Resgatar os conceitos que facilitam a compreensão de ‘Identidade’;
- d) Estabelecer a correlação entre a ‘identidade’ do operador social e os valores do Humanismo perene.

Estamos perdendo o sentido da vida humana neste planeta pois, vivemos uma corrida tecnológica que está nos levando mais rapidamente à morte. Não a morte conclusiva natural, de um ser que se construiu e se realizou plenamente mas, aquela buscada e acelerada por falta de contato com o ser, uno, verdadeiro, bem e belo da natureza da vida.

Vidor (2015) em *Opinião ou Ciência: tecnologia x vida* salienta que “se a mente do homem não avançar na compreensão de si próprio para saber usar os conhecimentos tecnológicos produzidos a serviço da vida, o arsenal criado pode transformar-se em uma ameaça de eliminação da vida humana” (VIDOR, 2015, p. 15).

O presente texto está estruturado em tópicos que incluem: histórico e conceitos de Humanismo, na visão da Ontopsicologia; o Humanismo civil ou perene; os conceitos base para compreensão de Identidade e operador social; as reflexões e correlações construídas a partir desses valores e conceitos aplicados na existência humana.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Filosofia e Ontopsicologia

Três aspectos distintos historicamente fazem fundamento ao Humanismo, conforme Associação Brasileira de Ontopsicologia (2011): 1) o Humanismo clássico vem da época dos gregos, dos romanos e perpassa o período da Idade Média; 2) o Humanismo histórico compreende o período dos séculos XIV e XVI, que culmina no Renascimento; e 3) o Humanismo perene que, “sempre existiu em quase todas as culturas, através do qual a identidade humana, por como projetada pela natureza, é valorizada e favorecida em seu desenvolvimento individual e social” (p. 38).

O Humanismo clássico é marcado pelo poeta e dramaturgo romano Terêncio, que tinha uma máxima de pensamento: “sou homem e nada do que é humano me é estranho” (Associação Brasileira de Ontopsicologia – ABO, 2011, p. 39). O monge britânico Pelágio, que viveu no século V d.C., em Roma, afirmava que “o homem é capaz de operar o bem” (ibid.).

Os principais valores do Humanismo clássico são a filantropia (o amor pelo antropos), a autonomia (a capacidade de responder bem às próprias necessidades), o ócio e o negócio (o momento de regeneração da mente e a atividade pública) (ibid., p. 38). Ócio, nos tempos romanos, era entendido como tempo livre usado com a máxima inteligência, ao passo que negócio eram as atividades sociais e comerciais do indivíduo com os outros, com o público.

O Humanismo histórico é marcado pelo entendimento sobre a importância do valor que constituía a *res* pública romana – do dividir, do bem comum – das comunas, da cidade, das instituições, “todos aqueles elementos que representam o bem comum a ser gerenciado, a ser respeitado, a ser valorizado” (ABO, 2011, p. 40).

De acordo com Meneghetti (2009), na obra *Direito, Consciência e Sociedade*,

Res é a saúde, a terra, a liberdade, a sabedoria, é o mundo da vida, é a coisa por meio da qual o homem pode se tornar. É a ocasião, o objeto através do qual é possível fazer autócise de crescimento, de desenvolvimento (MENEGETTI, 2009, p. 57).

O Humanismo nasce porque o homem volta ao centro (antropocentrismo), sem abandonar a ideia de Deus. Como uma busca, uma vontade do homem em realizar – o *homo faber* surge, aquele que sabe fazer, “sabe produzir com suas mãos, com suas capacidades manuais, lógicas e intelectuais” (ABO, 2011, p. 40).

O Humanismo não pretendia cancelar o valor do que é sacro na vida, ao contrário, queria fazer vigor, consistência a tudo o que o homem faz para si mesmo e para sua sociedade. Porque cada cidadão pensava na importância da própria atividade em função daquilo que era o seu pequeno ou grande sistema social (ABO, 2011, p. 41).

Este Humanismo, ainda:

...era um redescobrir o Éden, o paraíso terrestre de todos os dias, o fato da simplicidade do cotidiano, o saber alimentar-se, o saber viver. (...) Resgata e reforça o homem terreno, o homem que sabe fazer, o homem que quer se comunicar com outro homem, que quer desenvolver todas as suas possibilidades (ABO, 2011, p. 38).

O Humanismo histórico civil é sintetizado por Meneghetti (2014, citado em ABO, 2011) em quatro valores: 1) *a vida ativa*: é importante agir, fazer, construir. O valor do indivíduo está naquilo que produz, faz, porque a sociedade se apresenta com tantas necessidades; 2) *a sociabilidade*: o ser humano é espécie, é indivíduo e é sociedade. Fazer junto aos outros é um dever da sua existência; 3) *a liberdade*: é concedida pela natureza a cada homem. Mas, existe uma autonomia, e junto aos outros, devemos fazer as escolhas: quais outros, qual contexto, qual cultura; e, 4) *a dignidade do homem*: fundamento dos valores anteriores. “O homem deve respeitar o outro homem e sobretudo a si mesmo” (ABO, 2011, p. 46).

Em Meneghetti (2007), na obra *A crise das democracias contemporâneas*, encontra-se o significado de “sociedade” como “estado de sócios, companheiros, amigos, semelhantes: alguém está próximo a mim, está comigo. É um conjunto, um grupo” (MENEGHETTI, 2007, p. 71). Uma definição elementar de sociedade é apresentada por Meneghetti (2014, p. 98), como “união de mais pessoas, ou entes inteligentes, para realizar – com próprias ações – um fim, um bem comum”.

“Diferentemente de todos os animais, ou outras formas de existências conhecidas, o homem se distingue por capacidade multirrelacional”. Para Meneghetti (2007), “...o homem parece ser múltiplo, (...) como capacidade de relação, inteligência, linguagem: fala, é comunicante, é mediação de comunicação – recebe a informação e pode aumentá-la, diminuí-la ou modificá-la” (MENEGHETTI, 2007, p. 72).

A sociedade não é consequente à família, às necessidades primárias, à lógica de raça ou espécie, defende Meneghetti (2007):

O homem é sociável porque intrinsecamente é uma exceção inteligente plurirrelacional para outras inteligências. (...) Tão logo o homem se socializa, entra em lógica discursiva, ou seja, assume o “tu”, o outro é uma palavra dialética, competitiva, de tese e antítese, onde ele encontra uma síntese superior e onde também os outros, através dele, encontram uma síntese superior (MENEGETTI, 2007, p. 73).

Para Meneghetti (2011), “o conceito de socialidade é imanente na individuação do ente homem: somos necessitados pelo intrínseco do nosso espírito – a amar e estar com os outros, porque o outro também sou eu” (MENEGETTI, 2011, p. 30). Segundo Aristóteles (*apud* MARÇAL, 2009, p. 78), “...o homem é tal que vive melhor com os outros, mesmo se ele não tem necessidade deles”.

Aristóteles definiu “cidade-estado” como a comunidade que visa o maior de todos os bens. O bem é a causa final. E essa comunidade é a “comunidade política”. “A comunidade estado é a comunidade completa, oriunda de muitas vilas, a qual, por assim dizer, alcança o limite máximo do autoprovisamento digno de suas próprias necessidades, vindo à luz para viver, e existindo para o bem viver” (MARÇAL, 2009, p. 64).

Para Aristóteles (*apud* MARÇAL, 2009, p. 64), o conjunto dos cidadãos (que tem possibilidade de participar do poder de deliberar ou de julgar) suficiente para viver de modo que tenda ao autoprovisamento de suas necessidades fundamentais de maneira digna é chamada “cidade-estado”.

O Humanismo perene “é aquele traço comum a diversas culturas em que a identidade do homem, por como projetado pelo universo da vida, é valorizada, dignificada e favorecida em seu desenvolvimento individual e social”. O Humanismo perene, na afirmação de Meneghetti (*apud* ABO, 2011), “é representado pela responsabilidade do homem sem mitos, ou seja, que relativiza tudo em função da própria identidade”.

Avicena afirma, conforme Marçal (2009, p. 84), que “a filosofia é o aperfeiçoamento da alma humana”. O agir humano estaria de acordo com sua classificação sobre a filosofia prática. Enquanto o aperfeiçoamento relativo à razão, ao intelecto, apreensão conceitual, é poder do ser humano e função exclusiva da sua alma. “A filosofia é o aperfeiçoamento da alma humana através da apreensão das coisas e a confirmação das verdades especulativas e práticas, de acordo com a capacidade humana (MARÇAL, 2009, p. 88).

De acordo com Avicena (980-1037), traduzido em Marçal (2009, p. 89): “o benefício da filosofia política é ensinar o modo de associação que ocorre entre as pessoas para que possam auxiliar-se nas vantagens no que diz respeito aos corpos e os proveitos que auxiliam na permanência da espécie humana”. O que pode ser embasado em Aristóteles (383 a.C – 322 a.C.), quando afirma que “a política significa também a superioridade do homem sobre o animal” (MARÇAL, 2009, p. 77).

Ainda em Avicena (*apud* MARÇAL, 2009), que o benefício da filosofia econômica é ensinar o modo de associação que deve haver entre as pessoas de uma casa com o objetivo de ordenar os interesses da casa.

Em *Intelecto e Personalidade*, nos argumentos de Meneghetti (2006):

Liberdade significa que, dadas as circunstâncias, as premissas, os requisitos para agir, para fazer uma operação – existe uma certa situação, o sujeito tem necessidade de algo, portanto deveria realizar uma determinada ação – o egoísmo prático, salutar, deveria ser consequencial. (...) A liberdade é um poder indiferente: o seu uso, ou como é aplicada faz o bem ou o mal (MENEGETTI, 2006, p. 81).

De acordo com Vidor (2015, p. 17), “a vida é dinamismo de ação e exige variação no saber, e se a liberdade for usada em função de atender o que é útil e funcional para a perfeição-se, o indivíduo responsabiliza-se a contribuir para o bem dos outros”.

Destaca-se em Tomás de Aquino (1225-1274), conforme Marçal (2009): que é da condição natural humana: somos seres que, como todos os animais, necessitam de coisas ou bens para viver, somos distintos pelo uso da racionalidade para essa obtenção. E, para viver bem necessitamos de outras pessoas que nos auxiliam na obtenção dos bens necessários. Bem viver contempla o desenvolvimento de nossos talentos e capacidades pessoais pelos quais nos realizamos e alcançamos nossa felicidade. De acordo com Tomás de Aquino, “a sociedade é um complexo sistema de cooperação no qual o trabalho de cada um poderá reverter para o bem de todos” (MARÇAL, 2009, p. 663).

De acordo com anotações de aula das disciplinas de Filosofia e Lógica, a partir das aulas de Vidor (2015)², o resgate da humanidade é possível a partir do cultivo da dignidade e valor de cada um. Realizar a ambição de construir bem a si é já um grande exercício existencial que facilita a melhoria do bem-estar social e recomenda a cada

² Anotação verbal de curso. Aulas das disciplinas de Filosofia e Lógica, Primeiro Módulo do Bacharelado em Ontopsicologia, período de março à outubro de 2015, Faculdade Antonio Meneghetti.

indivíduo resgatar o seu valor individual. Afirma que daí pode nascer outro modo de sociedade.

O homem recebe uma grande dignidade, afirma Vidor (2015). A atividade psíquica dá a forma de cada um. Dá o projeto a ser feito por cada um. O Em Si ôntico é o projeto de cada um. No âmago, no íntimo, existe uma inteligência. Esta inteligência fala pelo corpo, pela emoção, etc. Se erro é porque agi contrário ao meu ser (minha identidade).

Do quanto revisitado sobre a origem da “civilização” humana por Meneghetti (2006), em *Intelecto e Personalidade*, “se abre o relativismo dos nossos *scripts* morais e se reforça a responsabilidade de agir os nossos escopos individuais e sociais em conexão com os impulsos da vida” (MENEGHETTI, 2006, p. 34). Meneghetti (2013) afirma que “...eu ajo a sociedade, a sociedade me age, a relação age em mim e a sociedade e vice-versa etc. É um triângulo perenemente circular. A ação é interação entre identidade e sociedade” (MENEGHETTI, 2013, p. 471).

2.2 Operador Social

Meneghetti em *Arte, Sonho e Sociedade* (2015), inicia os argumentos sobre o significado de Ontopsicologia: “como a nossa mente é capaz de conhecer a identidade do que o ente é”. Para Meneghetti “o homem é um ente posto nesta situação; a mente deve saber identificar a identidade do operador interno e externo, como sujeito e objeto, como eu e o outro etc.” (MENEGHETTI, 2015, p. 9).

A Ontopsicologia, conforme Meneghetti (2009), em *Direito, Consciência e Sociedade*, dá a capacidade de exatidão racional ao pesquisador. “Se um sujeito não é, antes de tudo, um homem exato, produz inexatidão, seja ele um juiz, um padre, um político, um empresário, um docente, etc., será sempre um desastre nas suas projeções, enquanto não possui a exatidão de natureza do homem natural” (MENEGHETTI, 2009, p. 24).

No Manual de Ontopsicologia (2012) Meneghetti apresenta a origem do termo Ontopsicologia:

Do Grego “ontos”, genitivo do particípio presente do verbo ser, “logos” (estudo), “psique” (alma) – significa estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, não excluída a compreensão do ser; estudar psicologia segundo coordenadas do real, ou intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser. Trata-se de partir do real fato antropológico e não da sua cultura ou de suas reflexões. (...) “Ontopsicologia é a análise do evento homem no seu fato existencial e histórico (MENEGHETTI, 2010, p. 19).

Em *Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene* Meneghetti (2014), afirma que Ontopsicologia “é a capacidade do homem de alcançar o ente que ele mesmo é” (p. 153). Destaca-se que:

A Ontopsicologia indaga deixando para trás todas as definições, as certezas, os tabus: se sou, quero saber. Do momento que sou, pelo fato de ser, constitui-se o direito de saber; devo saber, porque nenhuma autoridade de gênero algum pode me eximir do saber aquilo que sou, porque nada no mundo – externo ao meu íntimo – pode dar paz, força e êxito ao sentido da minha vida (MENEGHETTI, 2015, p. 35).

Em *Direito, consciência e sociedade*, Meneghetti (2009), nos faz compreender que “qualquer que seja a obra da sociedade, das descobertas, da ciência, da lei, etc., o homem permanece sempre desconhecido, acabado: um rei em permanente xeque-mate” (p. 15). Argumenta que “a existência frustrante vivida em angústia, o ser para a morte, etc., dependem de uma consciência equivocada: o ser humano é dividido da identidade da própria natureza porque interpreta, decifra de modo errôneo, não funcional, não coincidente com o próprio projeto de natureza” (MENEGHETTI, 2009, p. 16).

Meneghetti (2009, p.17) nos leva a compreender que “o método ontopsicológico é reservado sobretudo, a duas categorias de esquizofrenia existencial: 1) dos intelectuais e cientistas, e 2) dos operadores sociais”. De acordo com Meneghetti, (2014), “é importante que o homem operador de sociedade tenha um contato íntimo com o próprio Em Si ôntico, porque este é o critério individual que deriva do critério universal” (MENEGHETTI, 2014, p. 67).

Sobre a Ontopsicologia, Meneghetti (2013) afirma que:

Toda a linguagem da Ontopsicologia é projetada ao homem cientista, pesquisador. Se o homem não tem a exatidão da própria identidade, daquilo que faz, daquilo que encontra, projeta, etc., aquele homem – quando encontra, organiza, dá respostas – está fora do jogo das leis universais em si, isto é, quando mede implica imprecisão, objetividade desviada, incompleta (MENEGHETTI, 2013, p. 473).

Nos argumentos de Meneghetti (2013) “se a identidade de um cientista opera no interior da intencionalidade da vida, então, existe o resultado, o progresso”. E continua: “...dentro da identidade o homem encontra o modo como a vida chama, o exige, o constitui”. O autor afirma que “...um cientista ou operador tem necessidade da sua identidade original, e com esta refazer a sua cultura e os seus conhecimentos”. E ainda complementa, “o cientista deve ser um *dominus*: do gênio de sua identidade individual, do próprio íntimo e verdadeiro existir, o homem compreende o íntimo dos outros e das coisas” (MENEGHETTI, 2013, p. 477).

2.3 Identidade

Meneghetti em *Intelecto e Personalidade* apresenta: “a raiz acádica de *id* significa ‘este igual’”. A palavra “identidade”, a palavra “evidência”, a palavra “vídeo” é igual por força do *id*, do real presente, de quem vê e de quem é visto. “O real confirma o real. E esse é o nexu vivente do nosso Em Si ôntico” (MENEGHETTI, 2006, p. 27).

“*Identidade*” é o fundamento da inteligência do fazer. O autor argumenta que “o termo identidade é uma palavra tomada da filosofia perene: deriva das raízes da língua latina de Roma, dos primeiros pais do direito e da economia” (MENEGHETTI, 2013, p. 469).

De acordo com Meneghetti no *Dicionário de Ontopsicologia* (2012, p. 130), identidade “é a forma que especifica em si o objeto ou o indivíduo e o distingue de qualquer outro”. Do latim *id quod est ens* = o que o ser é aqui, assim e agora. Para Meneghetti (2012), “identidade” significa aquilo que o ser (o ente) é aqui, assim, agora, portanto o quem ou que coisa neste lugar.

Meneghetti (2013), em *Psicologia Empresarial* questiona:

O ser é, mas o que é? Eis a identidade: o ser é aquele e não outro. Por isso, a identidade é a individuação una, unida e total em si mesma, mas diversa e distinta de todo o resto, desde o contexto dos outros símiles, do ambiente de todos os outros entes, portanto também diversa e distinta do ser total (MENEGHETTI, 2013, p. 470).

Meneghetti (2009), em *Direito, Consciência e Sociedade* (2009, p.19) revela que “...o problema está em ver quanto esta identidade lógico-consciente – vivida, amada com todos os meios, em modo absoluto, inclusive com a morte de si mesmo – seja coincidente com a identidade de natureza”. A Ontopsicologia descobriu: “ao entrar no profundo da natureza, reencontrou esta identidade nativa e original ôntica e – através deste princípio – compreende, encontra o homem” (MENEGHETTI, 2009, p. 19).

Da epopéia de Gilgamés pode-se compreender o pensamento do homem de 5000-6000 anos atrás. De acordo com Meneghetti em *Intelecto e personalidade* (2006, p. 25), quando esse foi aconselhado a alegrar-se, pois:

Quando os deuses criaram a humanidade, estabeleceram a morte para a humanidade e retiveram a vida nas próprias mãos. Tu Gilgamés, trata de encher a tua barriga! Alegra-te dia e noite, faz festa todos os dias, dança e canta noite e dia! Que sejam limpas as tuas roupas, que a tua cabeça seja lavada, que tu te banhes com a água. Alegra-te com o filho que segura a tua mão, que a mulher goza no seu ventre. Este é o dever da humanidade (...) (MENEGHETTI, 2006, p. 26).

Viver a simplicidade da vida, sem perder de usufruir o crescimento e evolução alcançados. Em Ontopsicologia reporta-se ao conceito de “miricismo cotidiano”, ou seja as pequenas ações do dia a dia, que devem ser feitas com esmero e dedicação alegre.

Complementa-se esse pensamento com Vidor (2015, p. 15), sob o título *Opinião ou Ciência: tecnologia x vida*, onde destaca que “o homem necessita conhecer-se para usufruir do que elaborou como conforto, satisfação e meio de realização de seu valor humano”.

Meneghetti (2013), em *Psicologia Empresarial* argumenta que: identidade é um conceito forte, enquanto é exclusivo e irrepitível em cada modo de ser. Todos somos, mas nenhum é o outro. A identidade me faz *uno em mim mesmo*, tão uno que sou e distinto de tudo e de todos. O *Em Si* ôntico, descoberto pela Ontopsicologia, “é a base constituinte que representa a identidade de cada um de nós. A identidade é a chave, o critério-base de todos os critérios” (MENEGHETTI, 2013, p. 473).

Em *Psicologia Empresarial*, Meneghetti (2013) defende a identidade como sendo “o conceito fundamental porque, uma vez que compreendo a identidade, tenho implícito o projeto daquilo que devo fazer para mim e posso compreender o que é contra mim”. E reforça o autor: “*a eficiência é o utilitarismo funcional à identidade*” (MENEGHETTI, 2013, p. 478).

Meneghetti (2013), em *Psicologia Empresarial* explica:

...quando se perde a orientação da própria identidade, o indivíduo se objetifica para outras funções, mas perde a si mesmo. (...) Exatamente como no caso da célula biológica que, uma vez perdida a própria identidade, não opera conforme a si mesma e, portanto, é doente, é outro (MENEGHETTI, 2013, p. 479).

Destaca-se em Meneghetti (1996), no livro *A graça: a lógica do dom* (1996, p. 10), citado por Gordeardo Baquero Miguel: um princípio da metafísica de Santo Agostinho: “*Noli foras ire, in te ipsum redi: in interiore hominis habitat veritas*”. Não saia fora de ti, volta-te para ti mesmo: no homem interior está a verdade; e se verificas que a tua natureza é mutável, transcende-te a ti mesmo. Meneghetti (2004), em *O Em Si do homem* (2004), esclarece: “se você vai embora de onde é, a sua casa se tornará acampamento de estranhos e você se sentirá um excluído, isto é, em angústia psíquica e somática” (MENEGHETTI, 2004, p. 11).

“O supremo da identidade, da pessoa, exaure qualquer problemática de ser ou não ser. Eu existo porque além de mim eu sou, já sou”. Meneghetti em *O Em Si do homem*, questiona: “Para onde vou?” E orienta: “Vou aonde sou, devo ir aonde sou;

devo recolher-me, encontrar-me onde já sou; devo maturar cada alguém para que seja revelação de cada meu além” (MENEGHETTI, 2004, p. 66).

O Em Si ôntico, uma das descobertas da Ciência Ontopsicológica, é definido em como “um princípio seminal do que vulgarmente se chama alma, intelecto, etc. É o formal que dá a identidade de existir” (MENEGHETTI, 2011, p. 30).

As quinze características do Em Si ôntico, descritas e classificadas por Meneghetti (2012), no *Dicionário de Ontopsicologia*, são: 1) Inseico; 2) Holístico-dinâmico; 3) Utilitarista-funcional; 4) Virtual (é um projeto que pode fazer infinitas coisas, enquanto não é oposição à identidade original); 5) Econômico-hierárquico; 6) Vencedor; 7) Alegre; 8) Criativo; 9) Espiritual ou Transcendente; 10) Agente no interior de um universo semântico; 11) Mediânico entre o ser e a existência histórica.; 12) Histórico; 13) Estético (prazer) – necessidade da perfeição estética; 14) Volitivo-Intencional; 15) Santo.

Dentre as características acima, destaca-se a característica “utilitarista-funcional” no *Dicionário de Ontopsicologia* (2012), no qual descreve:

O seu critério ou ética primeira é a evolução da própria identidade com preciso utilitarismo funcional. A moral do utilitarismo funcional implica que uma coisa é boa, inerente a uma individuação, se a identifica e exalta a sua função específica. O Em Si não quer o que é do outro, quer o que é seu, aquilo que o identifica (MENEGHETTI, 2012, p. 88).

De acordo com Meneghetti (2010), no *Manual de Ontopsicologia*, “o Em Si ôntico indica sempre operações com resultados conforme a identidade utilitarista-funcional. Portanto, o Em Si ôntico é verdadeiro. Porque motiva sempre no ser mais, no interior de qualquer fenomenologia existencial” (MENEGHETTI, 2010, p. 509).

A característica fundamental do Em Si ôntico “é a racionalidade de encontrar, fazer e compreender as coisas segundo o critério da própria identidade físico-histórica em ambiente existencial definido”. Meneghetti (2011, p. 32), esclarece que:

Critério da própria identidade físico-histórica, em ambiente existencial definido significa que cada um de nós acontece com uma exceção³ precisa: a partir do momento em que cada um está aqui, agora e assim, conseqüentemente tem problemas e oportunidades, por isso pode escolher, organizar, ter êxito ou ser vencido (MENEGHETTI, 2011, p. 32).

Em *Psicologia Empresarial* (2013), o autor argumenta: “(...) porque pegar o bem que é relativo a nós, que é próximo da nossa identidade, significa aumentar o nosso existir e, portanto, aumentar também a nossa responsabilidade, a nossa capacidade de ajudar, de saber amar, saber fazer, dar” (MENEGHETTI, 2013, p. 485).

3 Metodologia

O tipo de pesquisa adotado neste estudo foi a pesquisa teórica, bibliográfica pois, atende ao interesse e necessidade do momento, em que trabalhamos sobre a primeira pequena tese como proposta de conclusão ao Primeiro Módulo do curso “Bacharelado em Ontopsicologia”, realizado no período de março a outubro de 2015 na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

Caracteriza-se também como uma pesquisa exploratória, dado que pouco se conhecia do tema até o início das buscas e apresentação neste formato. Entende-se que este tipo de levantamento se constitua com importância fundamental para a continuidade dos estudos em Ontopsicologia, pois conforme destaca Gil (1999, apud Beuren, 2003, p. 80), “a pesquisa exploratória é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato”.

Objeto de estudo neste caso, o constructo de “identidade”, é a “realidade a respeito da qual se deseja saber alguma coisa. É o universo de referência”, conforme Salvador (1980, apud Marconi, 1992, p. 45). O interesse inicial do próprio pesquisador, como operador social – docente, busca compreender melhor os conceitos que sustentam a “identidade” que, futuramente poderão se converter em constructos de trabalho empírico ou pesquisa qualitativa, no sentido de conhecer os valores que facilitam a exatidão e garantem a sua identidade e realização pessoal. O objeto de estudo é o tema propriamente dito que “corresponde àquilo que se deseja saber ou realizar a respeito do sujeito” (MARCONI e LAKATOS, 1992, p. 45).

Pesquisa bibliográfica de acordo com Laville e Dionne (1999), é metodologia exploratória, que busca conhecimento em livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. O objetivo é conhecer e analisar as contribuições teóricas existentes para responder a um determinado problema de pesquisa. Consiste no estudo sistematizado desenvolvido a partir de material publicado em livros e artigos científicos, cujo conteúdo constitui seu material de estudo. Produz instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode se esgotar por si mesma.

De acordo com Manzo (1971, apud Marconi e Lakatos, 1992), a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente” (MARCONI e LAKATOS, 1992, p. 44).

As referências em uso nesta pesquisa foram selecionadas em função de diversas situações, como limitação de leitura na fonte original que seria o italiano, recorreu-se as

obras traduzidas para a língua portuguesa. Foram realizadas leituras e fichamentos de livros e obras de consulta, que seguiram a definição do tema, quando se buscou focar e selecionar as referências da Ontopsicologia a fim de ampliar a compreensão dos termos que cercam a “identidade” e os valores do Humanismo perene. Inicialmente teríamos mantido a exploração dos textos de autoria do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti na última década de publicação – de 2005 a 2015, e focando os conceitos apresentados nos textos de âmbito social e/ou grupal, e excluindo-se aqueles voltados ao indivíduo tão somente.

Com grata surpresa enquanto finalizamos o presente texto, somos convidados a acompanhar o lançamento atualizado de mais uma das obras científicas de Meneghetti em reedição, pois havíamos rompido o limite previamente estabelecido com dois títulos singulares e indispensáveis ao tema, que fogem ao período de publicação delimitado ou seja: são exposições primígenas do autor como “O Em Si do Homem” (2005) – em reedição, e “A Graça: a lógica do dom” (1996).

4 Resultados e Discussão

A partir de crise existencial manifesta durante os encontros do primeiro módulo, foi marcante o contato com os quatro valores do Humanismo civil, a serem cultivados pelo homem que, de acordo com Meneghetti em *Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene* (2014, p. 56), são: 1) a vida ativa; 2) a socialidade; 3) a liberdade; e 4) a dignidade do homem. E percebe-se que socialidade torna-se valor impossível na falta de critério base ao pesquisador. Refletindo sobre a veracidade desse fato, constata-se a falta ou afastamento da identidade original, ocasionada por uma existência excessivamente voltada ao contexto externo.

Como se constata continuamente: “as obras de Antonio Meneghetti são cultura viva”, evidencia-se uma perfeição e coerência entre os conceitos e argumentos trazidos pelo autor, nas diversas obras consultadas. Não há espaço para contradição nas suas inúmeras descrições para o mesmo objeto. Percebe-se o esforço e a competência do autor em conseguir comunicar as novidades da Ontopsicologia com maestria e objetividade, acessível a qualquer ser humano dotado de intelecto e vontade trabalhada.

Chama-nos a atenção o respeito e a reverência que transparece na profundidade de seus estudos, no processo de construção da Ciência Ontopsicológica, convalidando os cientistas mais sérios antes dele, que serviram de estrada e guia à sua chegada.

A única saída, conforme Meneghetti (2009), em *Direito, Consciência e Sociedade*:

É reencontrar a própria identidade original, da qual aprender como ser a si mesmo em modo sadio – em sentido biológico e psicológico – e poder chegar a uma exatidão de comportamento também sociológico: do modo como se operou bem a si mesmo, em sentido de egoísmo psico-biológico, pode-se depois iniciar o investimento com sanidade construtiva para resolver o homem social em todos os seus aspectos (MENEGETTI, 2009, p. 59).

Apreende-se na Ontopsicologia que “...a regra do prazer e da realização é fazer racionalidade histórica em conformidade ao princípio (Em Si ôntico), do qual cada homem – pelo fato que existe como humano – é partícipe, possuindo-o em dote de natureza”. Essa identidade deve ser buscada, conhecida e construída continuamente, a fim de que o indivíduo possa atingir sua plenitude em realização e alegria de viver.

A Cultura Humanista é uma importante passagem enquanto desperta a sede infinita de ciência, do saber, em todos os campos. Quando um jovem se apaixona pelos valores do Humanismo, curiosamente amplia-se o seu terreno de pesquisa (Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2011, p. 46). Em *Intelecto e Personalidade*, Meneghetti (2006, p. 9), encontramos que: “a partir das origens é possível entender o próprio presente e, portanto, adquirir maior consciência, autenticidade e – sobretudo – responsabilidade para centrar o modo de adesão, a própria inteligência e vontade nas coisas que contam” (MENEGETTI, 2006, p. 9).

De acordo com Meneghetti (2011), “o trabalho é a base da dignidade para todo indivíduo, e se não existe dignidade, os humanos se destroem entre si” (MENEGETTI, 2011, p. 32).

Todas as grandes dificuldades que a sociedade continuamente apresenta são projeções da alteridade que cada indivíduo carrega dentro e contra si mesmo. Com Meneghetti (2009), em *Direito, Consciência e Sociedade* (2009, p. 21), percebe-se que “o bem-estar é fundamentalmente instrumental à civilidade do homem, logo, é indispensável criar ótimos trabalhadores que produzam bem-estar”. Todas as dificuldades e as privações são externas, argumenta Meneghetti (2004), em *O Em Si do homem*, “porque ninguém lhe pode tirar aquilo que vale, aquilo que sabe fazer, aquilo que lhe é suficiente para satisfazer as suas necessidades existenciais” (MENEGETTI, 2004, p. 84).

5 Considerações Finais

Constata-se que existem valores a serem retomados pelo ser humano que poderiam levar a uma vida mais harmoniosa e de bem-estar social. Neste momento, a partir dos fundamentos da Ciência Ontopsicológica, compreende-se que a retomada e formação do líder como operador social, como capacidade de resposta e solução à vida em sociedade civilizada e humana seja a solução possível.

De acordo com o Humanismo Perene delineado pela Ontopsicologia, o bem-estar social pode ser vivido e construído pelo ser humano quando compreende seu poder e responsabilidade na existência, a partir do conhecimento de si mesmo como unidade de ação dotado de intelecto e vontade, buscando respeitar a liberdade do outro e procurando exaltar a dignidade própria do ser humano.

O líder na condição de operador social é o responsável pela busca de exatidão e racionalidade ôntica. Se não é pleno a si, projeta sua frustração no seu meio e amplia o resultado em desgraças. Só a “identidade” poderia devolver ao homem sua estrada e a conquista da plena realização como ser – em alegria e criatividade – ressuscitando o homem líder operador social.

Se o operador social é exato e se realiza por si pode contribuir com a realização dos outros em seu meio, amplia os ganhos e recupera os valores da vida – sentindo-se ser no Ser. Caso contrário, se o seu agir é resposta a complexos e estereótipos não funcionais a si próprio, sua inexatidão de conhecimento e comportamento propagarão em confusão e desagregação também no social.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA (ABO). **A Formação Humanista de Jovens como garantia de sustentabilidade, Identidade e Protagonismo civil.** PRONAC nº 098244/ABO, Recanto Maestro. Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2011.

BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade:** teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARÇAL, J. (Org.). **Antologia de textos filosóficos.** Curitiba: SEED-PR, 2009.

MENEGHETTI, A. **A graça: a lógica do dom**. Porto Alegre: Psicológica Editrice do Brasil, 1996.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **Intelecto e Personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. **A crise das democracias contemporâneas**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2007.

MENEGHETTI, A. **Direito, Consciência e Sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2010.

MENEGHETTI, A. Humanismo e Ontopsicologia. In: **Saber Humano**, Edição Especial AMF, set., 2011, ano 1, p. 28-35.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013.

MENEGHETTI, A. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. Recanto Maestro, Restinga Seca: Ontopsicologia Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Arte, sonho e sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editora Universitária, 2015.

VIDOR, A. **Opinião ou Ciência: tecnologia x vida**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.